

FRAGMENTOS DA VIOLÊNCIA FAMILIAR: UM ESTUDO DE CASO

Cátia Duque

Psicóloga Clínica - UFP
catiaduque@gmail.com

Paula Isabel Santos

Mestre Assistente
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - UFP
psantos@ufp.edu.pt

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO: DUQUE, Cátia; SANTOS, Paula Isabel - Fragmentos da violência familiar : um estudo de caso. **Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais**. Porto : Edições Universidade Fernando Pessoa. ISSN 1646-0502. 6 (2009) 86-95.

RESUMO

A família é um sistema complexo, particularmente em meio disfuncional e violento, podendo o seu impacto, nas diversas gerações, ser desmesurado. O objectivo central deste trabalho debruça-se sobre a tentativa de perceber o mundo de alguém que viveu, e ainda vive, neste tipo de sistema familiar, fazendo uma análise detalhada da experiência sentida por este sujeito e perceber as consequências psicológicas que surgiram daí e que se prolongaram para todas as áreas da sua vida.

PALAVRAS-CHAVE

Família, Violência Familiar, Transgeracionalidade, Estudo de Caso.

ABSTRACT

Family is a complex system, specially in a dysfunctional and violent environment, its impact being able, in several generations, to be excessive. The work's main purpose is bent on the effort of understanding the world of someone who lived, and also lives, in this type of family system, doing a meticulous analysis of the experience felt by this subject and comprehend the psychological consequences emerged and what was extended for all the areas of his life.

KEYWORDS

Family, Familiar Violence, Transgenerationality, Case Study

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A família é um tipo especial de sistema, para Haley (1979), por possuir uma história, isto é, um passado e um futuro. Por sua vez, Reis (1984) afirma situar-se na família o local privilegiado de reprodução ideológica, onde se desenvolve a aprendizagem do primeiro papel social: o de filho, cuja submissão, aceitação dos valores e controlo dos pais são apresentados como naturais e necessários.

Porém, quando na família se traça um percurso de violência, segundo Ferrari e Vecina (2002), isso pode dever-se a um fenómeno multicausal (experiência de socialização, características patológicas, factores situacionais de stress, factores culturais, sociais e políticos, características particulares dos pais e/ou dos filhos); como também a problemas de comunicação na família, mecanismos específicos de defesa (cisão, negação, identificação projectiva), baixa auto-estima dos membros, dificuldade na criação e controlo de limites, isolamento social acentuado e o silêncio. Em relação a este último factor, Sudermann e Jaffe (1999, cit. in Sani, 2006) afirmam que as pessoas vivem em segredo, com o problema da violência na sua família, e que o medo reforça esse silêncio. Para Koller (1999) a experiência de conviver com a violência, desde tenra idade, faz com que esta seja percebida como algo natural e esperado nas relações. Essa aprendizagem, segundo o autor, acontece a partir da vivência de relações abusivas, como actor, vítima e testemunha da violência nas relações familiares e sociais. De acordo com Andolfi (1996), quando falamos de família, não nos podemos limitar em termos de progenitores e filhos, devendo sempre ter uma visão mais ampla que leve em consideração as gerações anteriores e as regras sociais próprias de cada época, sendo a história das gerações, que precederam o indivíduo, cheia de significados.

Segundo Lopes e Fleming (1998), certos aspectos (como a violência, por exemplo) também passariam de geração em geração, comprometendo as percepções e vivências dos sujeitos, ficando este ligado a uma rede de significações, que lhe poderia retirar competências para saber e decidir por si próprio, mais dirigido para um saber e experiências transmitidos por outros, pelos quais se vê emaranhado. Bowen (1988, cit. in Brown, 1999) refere que a proximidade extrema ou o distanciamento numa relação familiar, podem ser a chave geradora de stress nas famílias, sendo o grau de stress, em qualquer família, determinado pelos níveis correntes de stress externo e a sensibilidade a temas particulares transmitidos pelas gerações na família.

O estudo de caso apresentado evidencia estas questões, relacionando o sistema familiar com o contexto da violência, destacando também a importância da transgeracionalidade na vivência de um determinado indivíduo. A preferência pelo estudo deste caso aplicou-se à emergência em compreender a formação de uma personalidade baseada numa dinâmica familiar violenta, de forma a auxiliar outros estudos futuros, permitindo criar técnicas de prevenção (à violência familiar) e de intervenção (aos agressores a às famílias).

2. METODOLOGIA

A metodologia escolhida foi a qualitativa, nomeadamente o estudo de caso, sobre um sujeito com uma história de vida específica, analisando os vários aspectos da sua personalidade, tendo sido utilizado, para tal, a anamnese e provas de avaliação de personalidade. Na concepção de Almeida e Freire (1997), integram-se na investigação qualitativa as dimensões

internas do sujeito, grupo ou organização, ou os seus aspectos não directamente observáveis nem susceptíveis de experimentação. Para Creswell (1997), o método de estudo de caso é escolhido para estudar um caso com fronteiras bem definidas. O autor ainda destaca a importância do acesso a materiais contextuais, bem como de um conjunto amplo de informações que permitam ao pesquisador uma descrição profunda e detalhada do caso. A escolha das provas deveu-se a três razões principais: o uso de provas adequadas ao estudo, a facilidade em obter respostas emocionais do sujeito (provas projectivas) e a esclarecer alguns itens mais específicos, tais como, por exemplo, a escala de mentira (M.M.P.I II).

3. OBJECTIVOS DO ESTUDO

O objectivo principal deste trabalho foi analisar o efeito que um sistema familiar, disfuncional e violento, provocou na formação da personalidade de um determinado sujeito, procurando compreender as repercussões que existem nas várias áreas da vida do mesmo. Almeida e Freire (1997) referem a metodologia qualitativa como uma forma de busca pela globalidade e a compreensão dos fenómenos, visando o seu cariz indutivo, holístico e ideográfico, estudando a realidade sem a fragmentar ou descontextualizar, partindo da explicação, particularmente, dos próprios dados e não de teorias prévias, e situando-se mais nas singularidades do que na obtenção de leis gerais.

4. INSTRUMENTOS

Os instrumentos utilizados estão adaptados à investigação qualitativa, sendo eles a anamnese (uma narrativa cronológica da vida do sujeito, desde o nascimento até ao momento presente, focando também a história sexual e familiar do mesmo) e as provas de avaliação de personalidade, nomeadamente o teste projectivo Rorschach, o M.M.P.I. 2 e o teste projectivo T.A.T. que seguidamente serão apresentados.

O teste de Rorschach é uma prova projectiva criada pelo suíço Hermann Rorschach, em 1921. Esta prova é composta por 10 pranchas, apresentando diversos estímulos que se estruturam de modo diferente, facilitando a evocação de diferentes imagens mentais. O examinando elabora respostas a partir das imagens que lhe ocorrem, em função das suas experiências passadas e do seu modo pessoal de reagir e organizar as situações. Desta forma, o Rorschach permite a avaliação dos processos psíquicos superiores tais como a memória, a atenção, a percepção, o pensamento, a emoção e a comunicação (mímica e verbal), indicando a combinação específica destes processos na prova a dinâmica de personalidade.

O inventário da personalidade de Minnesota Multiphasic (M.M.P.I.) é um teste utilizado para avaliar a personalidade, com o objectivo de fornecer informação relevante à identificação do problema, no diagnóstico, e no planeamento de tratamento para o paciente. Foi criado em 1942, na Universidade de Minnesota, por Hathaway e McKinley. A versão estandarizada actual, o MMPI-2, foi liberada em 1989 e é indicada para adultos a partir dos 18 anos. A interpretação clínica da composição actual do instrumento centra-se em cinco grandes grupos, nomeadamente as escalas de validade, as escalas básicas, as escalas de conteúdo, as escalas suplementares e as subescalas. O MMPI-2 tem 567 afirmações, ou perguntas, sendo respondidas com verdadeiro ou falso, sendo a duração da prova de 1 a 2 horas.

O teste projectivo T.A.T. (Thematic Apperception Test) foi criado em 1935, por Henry Murray e Christiana Morgan. Este teste é projectivo e tem como objectivo analisar os padrões de pensamentos, atitudes, capacidades observacionais e respostas emocionais de determinado sujeito em relação aos estímulos apresentados. É composto por um total de 31 cartões, divididos em três categorias diferentes: os aplicados ao sexo feminino, os administrados ao sexo masculino e os dirigidos a ambos os sexos. A prova é constituída por dez cartões, que revelam figuras humanas numa variedade de ambientes e situações, sendo dados 5 minutos para elaborar uma história para cada cartão, referindo os seguintes aspectos em cada história: o acontecimento actual, a origem do acontecimento, as personagens, destacando os seus pensamentos e sentimentos, e o desfecho da história.

5. PROCEDIMENTOS

Foi feita a recolha de informação sobre a história de vida do sujeito, não só durante as entrevistas, como também através de anotações que fez no intervalo das consultas. O período de recolha de informação deu-se entre Dezembro de 2007 e Junho de 2008. Aplicou-se ainda o Rorschach, o M.M.P.I. 2 e o T.A.T. para avaliação de personalidade, tendo sido administrados entre Abril e Setembro de 2008.

6. SUJEITO

O nome utilizado para identificar o sujeito, objecto de estudo, é "J.P.". A "J.P." tem 29 anos e é do sexo feminino. A sua caracterização física descreve uma mulher de estatura média, cabelos louros e olhos escuros, com uma expressão corporal e facial tranquila. É actualmente divorciada, mora em Vila Nova de Gaia e trabalha como técnica de apoio ao cliente no serviço de pós-venda de uma superfície comercial. Os contactos com a "J.P." foram feitos na Maternidade Júlio Dinis, do Centro Hospitalar do Porto, desde Novembro de 2007 a Setembro de 2008. Foi apresentado o intento da monografia à "J.P.", esclarecendo todos os objectivos e procedimentos da mesma, tendo sido aceite e assinado o Consentimento Informado pela própria. A "J.P." foi encaminhada para a consulta de Psicologia, a 26 de Novembro de 2007, a pedido da própria na Entrevista de Triagem de Pais em risco da Neonatologia, na Maternidade Júlio Dinis, após o nascimento da sua filha, prematura, que faleceu 16 dias depois, com uma hemorragia pulmonar. Esta gravidez foi desejada e planeada, contudo referiu a relação com o companheiro como superficial, sentindo-se sozinha. Possui uma história de família desestruturada, com ausência de apoio familiar. Apontou episódios de extrema violência com o pai durante toda a infância e adolescência e encara a sua mãe como a pessoa que a abandonou. Não apresenta história psicopatológica, contudo a mãe sofre de perturbação psicopatológica (desconhecida a tipologia) e é portadora do vírus da SIDA, sendo actualmente acompanhada na consulta de psiquiatria do Hospital de S. João. É notória a baixa auto-estima da "J.P.", aliada à necessidade de gratificar os outros, com dinheiro e bens, para se sentir amada. Este último facto promoveu conflitos com a sua mãe, irmãos e companheiro. Actualmente, trabalha no serviço pós-venda de uma empresa, tem casa própria e já não se encontra com o companheiro.

Nesta Figura, destaca-se a relação fusional e conflituosa com a mãe, a relação distante com o pai e a relação fusional com a irmã.

8. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

8.1. OBSERVAÇÃO E EXAME DO ESTADO MENTAL DAS ENTREVISTAS

A sua participação, durante as entrevistas, foi colaborante e adequada ao contexto, aumentando a exposição dos episódios que viveu, de acordo com o reforço e suporte da relação terapêutica. Nas várias ocasiões em que se referiu à mãe, houve um extrapolamento da sua reacção, tendo, numa das vezes, cerrado os punhos com força, demonstrando abertamente a tensão que de resto só muito lentamente foi diminuindo demorando-se a acalmar: *“Sinto-me órfã de mãe, nunca mais quero ter nada com ela. É castigo de Deus ter tido esta mãe e ela dar-me tantos problemas.”* Em relação ao pai, por sua vez, manifestou sempre alguma dificuldade em falar, demonstrando-se, muitas vezes, triste e desanimada, preferindo escrever primeiro sobre ele e depois, durante as consultas, expor as experiências que viveu: *“O meu pai (...) sempre me disse que eu era parecida com a minha mãe e que, por isso, eu não mereço confiança.”* Também se observou um estado emocional desanimado e envergonhado, em relação à crença de que devia ter-se dado conta mais cedo sobre o real carácter dos pais e sobre as consequências dessa situação; e pela facilidade com que se deixa manipular pela família, com ambivalência de sentimentos: *“Sei que só gostam de mim por causa do dinheiro, sei que isso é verdade, toda a gente me diz isso. Sinto-me muito magoada.”*

Os seus comentários sobre o companheiro manifestaram sempre um comportamento lentificado, com humor deprimido e afecto instável: *“Quero organizar a minha vida, com ou sem ele. Mas não tenho coragem para lhe dizer isso.”* No entanto, quando se expressou sobre a separação, o seu comportamento indicou-se tranquilo, com humor feliz e adequado ao conteúdo. Nas diversas ocasiões em que se referiu à perda da filha, o seu comportamento revelou-se tenso, com humor sombrio e ressentido, uma postura encurvada e embotamento afectivo. O seu curso de pensamento foi expressado com associações entre o que considerava ser justo para ela e a sensação de ironia relativa ao apoio que deu a outras mães, antes de a sua filha falecer, que não perderam os seus filhos: *“Só a minha é que morreu. Parece ironia do destino.”* Torna-se relevante salientar o apoio que a “J.P.” busca através da espiritualidade, em relação ao futuro, quando diz: *“Se Deus quiser”,* vendo nessa forma de ser e de estar, alguma esperança para a sua vida.

8.2. ANÁLISE DO RESULTADO DOS TESTES

Em seguida serão apresentados alguns aspectos importantes, destacados de cada prova, da personalidade da “J.P.”

No Rorschach, verificou-se uma ausência de análise e de curiosidade em relação aos estímulos externos, sugerindo também uma atitude defensiva e inexistência de capacidades de investigação, em relação a estímulos novos e desconhecidos, com inibição do pensamento. Denota-se ainda a tentativa de um funcionamento corrente e necessário, de forma a apreender a realidade o mais próximo possível do contorno formal. Observa-se assim um rigor no pensamento, com fraca produtividade e evitamento ao imaginário. Os resultados também apontam para uma socialização em superfície, com dificuldades nos processos afectivos e

emocionais e atitude conformista perante os outros, estando a socialização em profundidade comprometida. Os valores sugerem ainda um nível de aspirações que são conduzidas para o nível da fantasia. Estão presentes sentimentos de insatisfação, dependência e angústia de perda de objecto, encarados com resistência por parte da "J.P.". No entanto, também revela capacidade de transformar esse sofrimento, através da introspecção e auto-crítica. Também foi averiguada a existência de sentimentos de agressividade reprimidos e dirigidos às pessoas em geral (sociedade). A inibição do pensamento relativa à representação de si própria e das suas relações em combinação com a dissociação de pensamento destacam-se através da angústia de fragmentação, percepcionando a realidade de forma distorcida.

Na prova do M.M.PI. 2, sugere um perfil com dificuldades no contacto social, demonstrando um senso crítico pobre, onde a instabilidade e a agressividade podem estar presentes. Há indícios de ausência de direcção, com sinais de traço pouco realista na sua auto-valorização, sugerindo falta de confiança sobre si própria, auto-depreciação e baixa tolerância à frustração. Ao nível das relações pessoais, descreve um perfil característico de pouca assertividade, facilmente influenciável, com indícios de conflitos familiares, ausência de afecto, falta de liberdade e independência adequadas. Sugere ainda avaliações irreais positivas que faz acerca de si própria e das suas capacidades. Os valores apontam também para propensão de abuso de substâncias, com probabilidade de consumo efectivo, e um perfil com características de desafio de limites. Os resultados alvitraram uma possível psicose paranóide, apontando dificuldades de adaptação em determinado contexto, com indícios de uma visão do mundo como um lugar de ameaça, podendo levar a atitudes de desconfiança e suspeita e, em casos extremos, a ilusões de perseguição. Sugere ainda sentimentos de incerteza perante o futuro, sem interesse sobre a sua vida, com possível tendência para ideação suicida.

A prova de T.A.T. revela uma concepção do mundo destacado pela ausência de liberdade, marcada pelo excessivo poder autoritário dirigido a si, pela falta de confiança nos outros, e pela superficialidade nas relações sociais, sem expressão dos afectos. Manifesta desta forma uma construção do meio desadequada e fantasiosa, apresentando sentimentos de impotência perante um mundo que a rejeita e não a protege (comparando-o à mãe), impedindo-a, ao mesmo tempo, de conseguir libertar-se (comparando-o ao pai). Este sentimento de impotência também está associado à perda da infância, da inocência, relatado nas histórias relacionadas com a figura paterna, revelando perda de identidade. A análise da prova sugere como instância dominante o id, indicando uma pessoa centrada nela própria, estabelecendo uma relação desestruturada com o meio, apresentando ainda um ego e super-ego a funcionarem num registo similar, sendo a sua angústia principal a de fragmentação. Apresenta ainda dificuldade em se adaptar à realidade, com clivagem e repressão acentuadas, indicando possibilidade de psicose.

8.3. CONCLUSÃO DA ANÁLISE

O resultado das provas sugere uma socialização em superfície, com sentimentos de agressividade reprimidos e dirigidos às pessoas em geral. Ao nível das relações pessoais, descreve um perfil característico de pouca assertividade, sendo facilmente influenciável, com baixa auto-estima. Há indícios de propensão de abuso de substâncias e um perfil com características de desafio de limites. As provas apontam para uma pessoa centrada nela própria, estabelecendo uma relação desestruturada com o meio, com indícios de uma visão do mundo como um lugar de ameaça, podendo levar a atitudes de desconfiança e suspeita, com possível tendência para psicose. A inibição do pensamento relativa à representação de si própria

e das suas relações em combinação com a dissociação de pensamento destacam-se através da angústia de fragmentação, percebendo a realidade de forma distorcida, podendo levar a ideação suicida. Contudo, há indícios de reelaboração da auto-estima, e capacidade de transformar o seu sofrimento, através da introspecção e auto-crítica.

9. PLANO DE INTERVENÇÃO

Os objectivos de um plano de intervenção, neste estudo de caso, correspondem a possibilitar um acompanhamento psicológico contínuo à "J.P.". Uma psicoterapia individual possibilitaria uma maior compreensão da sua vivência, bem como uma verificação do seu sistema de crenças, nomeadamente em relação aos seus pais. É necessário também enfatizar a construção de uma maior adaptação social, ajudar a criar competências para a criação de uma maior individualidade, possibilitando um crescimento da personalidade imatura. A terapia familiar, à sua família de origem, auxiliaria nas relações afectivas e no suporte emocional, através do aumento da comunicação, bem como na possibilidade de maior individualidade, sem prejudicar a coesão. Segundo Kaplan e Sadock (1998), a terapia familiar permite ajudar a família a compreender o processo de triangulação e a abordar o conflito mais profundo subjacente ao comportamento do paciente identificado.

10. DISCUSSÃO DO CASO

Transmitindo o que Lopes e Fleming (1998) dizem, a pessoa vê-se ao espelho na geração anterior, como numa espécie de jogo de espelhos, e transforma-se a si próprio no espelho da geração a seguir. Em relação à "J.P.", a sua própria afirmação: *"Vejo os meus pais como um espelho, que reflecte tudo aquilo que eu não quero ser."*, revela a tentativa de se soltar de uma herança da geração anterior, herança essa que lhe deixou profundas marcas, que ela não aceita continuar a suportar. A "J.P." não se identifica com os seus progenitores, rejeitando o seu modo de vida, encarando o comportamento dos pais como o oposto do que pretende seguir, contudo é de notar que a "J.P." não diz reflectirem o que ela não é, mas o que ela não quer ser.

Uma das questões da "J.P." remete para o facto de que, embora ambos os pais a rejeitem, justificando que não corresponde às expectativas deles, observa-se que sempre que precisam de apoio, é a ela que recorrem, desde a sua infância, onde passou muito tempo a cuidar dos seus irmãos, até à actualidade. Segundo Groisman (1996), a escassa diferenciação entre os membros da família conduz a uma confusão de papéis que provoca perturbações na estrutura hierárquica da família, com inversões nas quais os filhos tornam-se pais e os pais tornam-se filhos, ou são todos irmãos, sem haver uma distribuição clara de papéis. Mannoni (1981), por sua vez, afirma que os pais, inconscientemente, deixam ao seu filho a responsabilidade de refazer a sua história, mas refazê-la de tal maneira, que nada deva ser mudado. É interessante notar que mais nenhum outro filho foi solicitado para desempenhar este papel de prestador de cuidados. De acordo com Boszormenyi-Nagy (1965, cit. in Sexton et al., 2003), isso pode acontecer desde a infância porque a criança aceita uma responsabilidade emocional, encarregando-se do cuidado de algum membro da família. Actualmente, a prestação dos cuidados está principalmente orientada para a sua mãe, através de bens alimentares e medicamentos. Segundo Cerveny (1997), seria provável declarar categoricamente que toda família transmite o seu modelo, mesmo aquelas que trabalham para não

o fazer. A autora revela que não são só os pais que se incluem, mas todo o sistema familiar, estando abrangidas as gerações passadas, servindo como modelo para a transmissão de padrões comportamentais, que tendem a repetir-se, podendo eventualmente saltar uma geração, mas sendo encontrados nas posteriores. A “J.P.” tem noção da gravidade das acções dos pais contra ela, rejeitando esse modo de vida, contudo acredita que acabará inevitavelmente por fazer o mesmo. Esse conflito, presente em tudo o que faz, é alvo da sua rejeição, contudo, é alimentado pelo espectro das gerações anteriores. Para Bowen (1978), enquanto a pressão imediata pode ser libertada pelo corte emocional, os padrões de reacção na relação próxima continuam inalterados e as versões do passado, ou a imagem do espelho são repetidas. Apesar das condições actuais (idade, independência financeira) possibilitarem um afastamento em relação à família de origem, isso não se verifica, envolvendo a “J.P.” num ciclo vicioso. De acordo com Mannoni (1981), as crianças andam, não só porque têm pernas, mas porque os seus pais assim o permitem.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, L. & FREIRE, T. (1997). *Metodologia da Investigação em Psicologia da Educação*. Coimbra, Apport.
- ANDOLFI, M. (1996). *A Linguagem Do Encontro Terapêutico*. Porto Alegre, Artes Médicas
- BOWEN, M. (1978). *Family Therapy in Clinical Practice*. New York, Aronson
- BROWN, J. (1999). Bowen Family Systems Theory and Practice: Illustration and Critique. Education Update. *Fundamentals of Theory and Practice*, A.N.Z.J. Fam. Ter., Vol. 20, Nº 2, pp 94 – 103
- CERVENY, C. & BERTHOUD, C. (1997). *Família e Ciclo Vital: A Nossa Realidade Em Pesquisa*. São Paulo, Casa Do Psicólogo.
- CRESWELL, J. (1997). *Qualitative Inquiry and Research Design: Choosing Among 5 Traditions*. Thousand Oaks, CA, Sage Publications, Inc.
- FERRARI, D. & VECINA, T. (org) (2002). *O Fim do Silêncio da Violência Familiar*. São Paulo, Editora Ágora
- GROISMAN, M., LOBO, M. & CAVOUR, R. (1996). *Histórias dramáticas: terapia breve para famílias e terapeutas*. Rio de Janeiro, Rosa dos Ventos.
- HALEY, J. (1979). *Psicoterapia familiar: um enfoque centrado no problema*. Belo Horizonte, Interlivro
- KAPLAN, H. I. & SADOCK, B. J. (1998). *Manual de Psiquiatria Clínica*. São Paulo, Artmed
- KOLLER, S. H. (1999). Violência doméstica: Uma visão ecológica. In: Amencar (Org.), *Violência Doméstica* (pp.32-42). São Leopoldo, Amencar.
- LOPES, A., & FLEMING, M. (1998). Aspectos Psicológicos da Polineuropatia Amiloidótica Familiar: A Trama Subterrânea Intergeracional. In: *Brotéria Genética, XIX (XCIV)*, pp. 183-192.
- MANNONI, M. (1981). *A Criança Atrasada e a Mãe*. Portugal, Editora Moraes.
- REIS, J. (1984). Família, Emoção e Ideologia. In: Lane, S.T.M. & Codo, W. *Psicologia Social O Homem Em Movimento*. São Paulo, Brasiliense, pp. 99- 124.
- SANI, A. (2006). Vitimação Indirecta de Crianças em Contexto Familiar. In: *Análise Social*, Vol. XLI (180), pp. 848-864.
- SEXTON, T.; WEEKS, G.; ROBBINS, M. (2003). *Handbook of Family Therapy: The Science and Practice of Working with Families and Couples*. Brunner-Routledge, Psychology Press. New York, Illustrated
- SOIFER, R. (1980). *Psicologia da Gravidez, Parto e Puerpério*. Artes Médicas, Porto Alegre